

# A LUZ E AS TREVAS NO TEXTO BÍBLICO: UM ESTUDO INICIAL DA METÁFORA CONCEPTUAL NO NOVO TESTAMENTO

Danúbia Aline Silva Sampaio<sup>1</sup>

danubialinesilva@yahoo.com.br

**RESUMO:** De acordo com Paiva (1998), as *Metáforas Negras* constituem um conjunto de marcas linguísticas que vinculam uma ideologia racista. Segundo a autora, a negatividade dessas expressões é ideológica, resultado de uma (re) projeção metafórica, a qual é motivada por ideias e conceitos carregados de preconceito racial. Puente (2013) afirma que ao utilizarem essas expressões as pessoas não se dão conta de que sua avaliação negativa acerca de uma dada situação ou contexto estaria linguisticamente pautada em uma conceptualização, de natureza também negativa, da própria cor preta ou de seus conceitos construídos sócio-discursivamente. Essa última autora questiona a *negatividade ideológica* das Metáforas Negras e, apoiando-se nos postulados da “corporeidade” defendidos pela Linguística Cognitiva, aponta para uma *negatividade corpórea*: a motivação para a construção dessas metáforas seria a nossa experiência sensorio-motora negativa com a noite/escuro/escuridão. Assim, Puente (2013) analisa textos que apontam para essa experiência sensorio-motora negativa com a cor preta em textos do Velho Testamento, buscando testar a hipótese de uma motivação corpórea, não ideológica. O presente trabalho, partindo da perspectiva de que o “mal”, o “ruim” é associado aos conceitos de “escuro”, “noite” e “trevas” e de que o “bom” é associado aos conceitos de “claro”, “dia” e “luz”, apresentará uma análise inicial de textos bíblicos – agora no Novo Testamento, mais especificamente nos *Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João* -, os quais contêm construções metafóricas a partir das conceptualizações que envolvem a oposição entre escuro/noite/trevas e claro/dia/luz. Pretende-se analisar diferentes versículos do Novo Testamento, na busca de apresentar contextos e situações em que os dois conceitos dicotômicos de “luz” e “trevas”, a partir de metáforas conceptuais, dividem e organizam a narrativa bíblica na constituição de um “grande conflito”: a luta entre o “bem” e o “mal”. Por último, pretende-se apontar a importância das metáforas conceptuais identificadas para a construção do texto bíblico em estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bíblia; Luz; Trevas; Metáfora Conceptual.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, MG.

**ABSTRACT:** According to Paiva (1998), the Black Metaphors is a group of linguistic marks that link a racist ideology. According to the author, the negativity of these expressions is ideological, the result of a metaphorical (re)projection, motivated by an ideology born of racial prejudice. Puente (2013, p. 10) states that, by using these expressions, people do not realize that "a negative evaluation about a given situation or context would be linguistically guided by a conceptualization, also negative character, the very black or its socio-discursively constructed connotations ". The latter author questions the ideological negativity of Black Metaphors and, drawing on the tenets of "corporeality" defended by Cognitive Linguistics, points to a body negativity: the motivation for the construction of these metaphors would be our negative sensorimotor experience with the night / dark / darkness. So Puente (2013) analyzes texts related to this negative sensorimotor experience with black in the Old Testament, trying to test the hypothesis of a bodily motivation, not ideological. This paper, from the perspective of the "evil", "bad" is associated with the concepts of "dark", "night" and "darkness" and that "good" is associated with the concepts of "clear" "day" and "light", will present initial analysis of biblical texts - now in the New Testament, specifically the Gospels of Matthew, Mark, Luke and John - which contain metaphorical constructs from conceptualizations involving the opposition of dark / night / darkness and light / day / light. We intend to analyze different verses of the New Testament, seeking to present contexts and situations in which the two dichotomous concepts of "light" and "darkness", from conceptual metaphors, divide and organize the biblical narrative in the constitution of a "large conflict ": the struggle between "good " and "evil ". Finally, we intend to point out the importance of conceptual metaphors identified for the construction of the biblical text being studied.

**KEYWORDS:** Bible; Light; Darkness; Conceptual Metaphor.

## Introdução

Puente (2013), em seu trabalho sobre as *Metáforas Negras na Bíblia*, testa a hipótese de que a avaliatividade negativa dada à cor “negra/preta” está fundada na experiência sensório-motora negativa com o escuro/escuridão, e não apenas na ideologia racista, defendida por Paiva (1998)<sup>2</sup>. Dentro desse ponto de vista, a partir da análise de textos bíblicos do Velho Testamento, a pesquisadora discute a possível associação entre a experiência corporal negativa com a escuridão (dificuldade de visão à noite, impossibilidade de avistar os inimigos e a vulnerabilidade às

---

<sup>2</sup> Paiva (2008), em seu trabalho “As metáforas Negras”, defende a tese de que as Metáforas Negras constituem um meio eficiente de internalizar no falante e reproduzir um preconceito racial e social, uma vez que há uma grande força na linguagem para a construção de ideologias. (FIORIN, 2003 e van DIJK, 2000).

armadilhas/emboscadas) e experiências abstratas também negativas relacionadas à palavra escuridão (como a morte, doenças, pecados, impurezas e castigos). Segundo Puente (2013, p. 15) “(...) possíveis mapeamentos são feitos entre a experiência negativa concreta com o escuro e a vivência das experiências negativas mencionadas, o que nos leva à metáfora conceptual MAL É ESCURIDÃO”. Em seu trabalho, a referida autora discute as razões pelas quais o texto bíblico, mais particularmente o Antigo Testamento, foi selecionado, apontando para o fato de que tal texto é linguisticamente muito rico, o qual retrata diferentes momentos históricos e compõe “uma amostra variada de crenças, línguas, comportamento e valores” (PUENTE, 2013, p. 22). Dessa forma, a partir de textos da Bíblia, são selecionados os versículos que fazem referência aos conceitos de “noite”, “escuro”, “escuridão” e “trevas” (conceitos diretamente relacionados à cor preta/negra) no seu sentido literal e outros versículos cujas expressões metafóricas seriam projeções desses usos literais, assim como de sua negatividade.

Puente desenvolve toda sua pesquisa partindo da hipótese central de que o domínio da experiência, de natureza sensório-motora, o qual se manifesta na linguagem através de expressões “literais”, é projetado em domínios abstratos, marcados linguisticamente por expressões metafóricas, relacionados a diversos aspectos do “mal” (negatividade), no contexto espiritual/religioso.

A autora, a partir de vários versículos, aponta-nos que, como “pano de fundo” para toda narrativa bíblica, a “luz” é associada a aspectos positivos e a “escuridão” (ausência de luz) é associada a aspectos negativos, seja em contextos de usos literais ou metafóricos. A partir de vários textos que constituem o Velho Testamento como um todo, são evidenciadas duas metáforas conceptuais importantes para o trabalho sobre *Metáforas Negras: MAL É ESCURIDÃO e BEM É LUZ*.

A partir da metáfora conceptual mais abrangente – superordenada - MAL É ESCURIDÃO, a autora analisa textos de diferentes livros do Velho Testamento em que o “mal” (negatividade) tem vários desdobramentos: *Mal como desconhecimento, Mal como punição/castigo, Mal como calamidade, Mal como imoralidade, Mal como mistério, Mal como perigo e Mal como medo/pavor*.

O presente trabalho, partindo dessa mesma perspectiva de que o “mal” e o “ruim” são associados aos conceitos de “escuro”, “noite” e “trevas” e de que o “bom” é associado aos conceitos de “claro”, “dia” e “luz”, apresentará uma análise inicial de textos presentes na Bíblia – agora no Novo Testamento, mais especificamente nos

*Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João* –, os quais contêm construções metafóricas a partir das conceptualizações que envolvem a oposição entre escuro/noite/trevas e claro/dia/luz. O presente estudo pretende analisar diferentes versículos do Novo Testamento, na busca de apresentar contextos e situações em que os dois conceitos dicotômicos de “luz” e “trevas”, a partir de metáforas conceptuais, dividem e organizam a narrativa bíblica na constituição de um “grande conflito”: a luta entre o “bem” e o “mal”. Por último, pretende-se apontar, ainda que superficialmente, a importância das metáforas conceptuais identificadas para a construção do texto bíblico em estudo.

### **1. A Teoria da metáfora conceptual**

De acordo com o Dicionário Aurélio (1999, p. 1326), metáfora se define como “recurso de linguagem em que a significação natural duma palavra é substituída por outra com quem tem relação de semelhança”. Tal definição se refere ao conceito de metáfora mais conhecido pelo senso comum – Sardinha (2007, p. 20) aponta que essa definição nos remete à “visão mais antiga de metáfora [que] vem de Aristóteles, do século IV a.C.”-, em que a metáfora é vista como uma figura de linguagem.

Ao apresentar uma breve trajetória acerca do conceito de metáfora e seus respectivos pressupostos ao longo dos tempos, estudiosos têm apontado para o fato de que a visão aristotélica da metáfora se manteve válida por séculos, constituindo-se como uma forte convenção social, enraizando-se, inclusive, no contexto do ensino escolar. Ortony (1993, p. 202) afirma: “a teoria clássica foi tida como tão natural ao longo dos séculos que muitas pessoas não se deram conta de que ela era apenas uma teoria. A teoria não foi apenas tomada como verdade, mas chegou a ser definidora”.

Apesar de os estudos da Linguística Cognitiva, posteriores a Aristóteles, terem extrapolado o conceito de metáfora enquanto recurso estilístico visto a partir de uma função ornamental, alguns pressupostos aristotélicos também constituíram o arcabouço teórico acerca das metáforas: a presença do *raciocínio analógico* – compreendemos o mundo através de analogias, através de um exercício cognitivo de identificar semelhanças não claramente apresentadas –, além do *papel didático* das metáforas, uma vez que, na visão de Aristóteles, podemos aprender e compreender o que nos cerca, de forma eficaz, através de metáforas (MAHON, 1999).

Ainda que alguns pressupostos teóricos já apontados por Aristóteles se relacionam com aqueles que, mais tarde, foram desenvolvidos pela Linguística Cognitiva, é importante destacar que este importante estudioso tinha o universo literário grego como seu foco principal e, nesse contexto, a metáfora assume um papel secundário, constituindo-se como instrumento de persuasão a ser utilizado conscientemente, de forma controlada. Assim, de acordo com Vereza (2010, p. 202), “Aristóteles nunca propôs uma conceituação clara e sistemática de metáfora que pudesse ser realmente chamada de ‘teoria da metáfora’”.

A partir dos anos de 1960 e 1970, novas teorias voltadas especificamente para as metáforas passam a surgir no campo da linguística, contribuindo, assim, para uma grande mudança em relação ao que se pensava anteriormente. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.14):

A partir de 1970, a metáfora se torna objeto de interesse central das ciências humanas, mais especificamente, das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva. Essa última desenvolveu pesquisas empíricas sobre o processo de compreensão da metáfora; (...) essas pesquisas se baseavam no fato de que a linguagem figurada constituía um sério problema para as teorias de compreensão em geral.

Vereza (2010, p. 204) também afirma:

A abordagem da metáfora como figura do pensamento e não de linguagem a retira de sua “insignificância” conceptual: ela não é mais apenas um adorno supérfluo, mas um importante recurso cognitivo usado, não só para se “referir” a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato, construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com um outro domínio da experiência.

Dessa forma, a metáfora deixa de ser caracterizada e compreendida apenas como um artifício lingüístico, utilizado conscientemente para fins apenas estéticos e/ou retóricos, e assume a posição de “mecanismo principal através do qual podemos compreender conceitos e raciocínios abstratos em termos de conceitos mais concretos e estruturados” (LAKOFF, 1993, p. 244). Nessa perspectiva, a metáfora deixa de ser uma figura de linguagem e passa a ser uma figura do pensamento, apontando para o fato de que “a nossa linguagem revela um imenso sistema conceptual metafórico, que rege também o nosso pensamento e a nossa ação” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 19).

Na busca de um conceito para a “nova visão cognitiva” acerca da metáfora em relação à visão tradicional, Puente (2013, p. 23) conclui:

(...) a metáfora, que antes era vista como pertencendo ao nível da linguagem, agora passa a ser vista como sendo uma ocorrência linguística de natureza

sócio-cognitiva, o que quer dizer que a nossa maneira metafórica de falar é determinada cognitivamente, e que a nossa cognição é influenciada socialmente, pelo ambiente e pela cultura. A metáfora, então, deixa de ser “apenas uma forma linguística de expressão; ao contrário, ela [passa a ser] umas das principais estruturas cognitivas pela qual podemos ter experiências coerentes e ordenadas que nos permitem pensar sobre elas e compreendê-las” (JOHNSON, 1987, p. 15).

## 2. Caracterização do corpus e procedimentos metodológicos

O *corpus* do presente estudo constitui-se por textos retirados da Bíblia, mais especificamente do Novo Testamento, a partir dos quatro Evangelhos: *Mateus*, *Marcos*, *Lucas* e *João*. Sobre a credibilidade que essa fonte de estudos possui, Puente (2013, p. 44-45) destaca:

A escolha da Bíblia (...) como corpus da análise se justifica pelo fato de esse livro ser linguisticamente rico e por constituir um importante retrato da cultura hebraica. Nela são encontrados textos datados do segundo século a.C., que foram escritos por mais de quarenta autores, em um período aproximado de 1.500 anos, retratando momentos históricos diferentes e compondo uma amostra variada de escritos das primeiras civilizações – suas crenças, línguas, comportamento e valores. (...) conceitos que conhecemos hoje têm sua formação sócio-histórica e discursiva construída ou retificada nos textos bíblicos, tendo sido assimilados pela nossa cultura sem que essa origem seja claramente reconhecida.

Diante dessas considerações, reafirma-se a Bíblia como importante fonte de pesquisa. Visto que se estabelece como um livro de grande relevância no que se refere à criação e perpetuação de conceitos e valores para várias civilizações, seus ensinamentos fundamentam o desenvolvimento de um sistema geral de crenças que constitui a formação do nosso sistema conceptual. O texto bíblico, portanto, é extremamente significativo, independentemente de suas questões religiosas e das possíveis críticas que ainda sofre como objeto de estudo e pesquisa no meio acadêmico. Reconhece-se, assim, que

(...) os temas cristãos perpassam toda a cultura, o direito, a filosofia, a política, os costumes, as artes de modo geral. Mesmo para os que não têm fé, é impossível escapar desse arcabouço sociocultural que molda há 2 mil anos as sociedades ocidentais. Idéias e práticas cristãs ultrapassam a dimensão religiosa e alcançam a vida social, política e intelectual. (BIBLIOTECA ENTRELIVROS, 2007, p. 7)

Como apontado nas considerações iniciais, o presente estudo estabelece um diálogo com a análise feita por Puente (2013) acerca das *Metáforas Negras da Bíblia*. Esse diálogo realiza-se principalmente no que diz respeito ao fato da autora concluir que

aspectos positivos são associados aos conceitos de “claro”, “dia”, “luz”, enquanto que aspectos negativos são associados aos conceitos de “escuro”, “noite”, “trevas”. Como a referida pesquisadora realizou seu estudo a partir do Velho Testamento, buscou-se neste artigo o estudo acerca dos conceitos de “luz” e “trevas” a partir de textos e contextos do Novo Testamento.

Para a análise, realizaram-se os seguintes procedimentos:

- 1) Seleção de versículos do Novo Testamento, a partir dos quatro Evangelhos, *Mateus, Marcos, Lucas e João*, que mencionavam os conceitos dicotômicos *claro/dia/luz* e *escuro/noite/trevas*,
- 2) Caracterização geral de cada um dos Evangelhos;
- 3) Análise dos versículos encontrados a partir do contexto bíblico apresentado, buscando através deles a identificação de diferentes metáforas conceptuais;
- 4) Associação dos versículos encontrados com outros textos do Velho e do Novo Testamento, com o objetivo de apresentar uma caracterização e discussão mais fundamentada pelos diferentes contextos bíblicos;
- 5) Discussão de como as metáforas conceptuais encontradas organizam os Evangelhos como um todo, destacando a relevância das mesmas na construção do texto bíblico.

Os textos bíblicos aqui utilizados pertencem à tradução de João Ferreira de Almeida, versão Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

É importante destacar que a presente pesquisa é, de fato, interpretativa, o que dá a possibilidade de outras interpretações, diferentes daquelas aqui apresentadas. No entanto, é importante ratificar que as possibilidades aqui discutidas surgiram a partir de uma análise das ocorrências encontradas nos próprios versículos bíblicos. Além disso, enfatizamos que a grande diversidade de histórias, de contextos, de práticas sociais e religiosas, de valores vivenciados pelo povo hebreu e sua significativa influência sobre a cultura ocidental corroboram o fato de que o *corpus* aqui utilizado tem muito a dizer sobre como pensamos o mundo, sobre como o vemos e, a partir de então, agimos.

### **3. A oposição entre *luz* e a *escuridão* como cenário no conflito entre o *bem* e o *mal***

As palavras “Luz” e “Escuridão” apresentam-se como pano de fundo de praticamente todas as histórias bíblicas. Desde as narrativas contadas a partir da vida do

povo judeu no Velho Testamento até a história da vinda de Jesus à Terra – “Messias”, o “Enviado”- e sua vida entre os seres humanos no Novo Testamento, encontramos na Bíblia a história de um “Grande Conflito”, travado entre o bem e o mal, o qual se constitui e se caracteriza pela luta espiritual entre o Filho de Deus, Jesus, e Satanás, ou Diabo. No texto a seguir, João, um dos apóstolos de Cristo, fala em sua primeira epístola acerca desse conflito:

“Filhinhos, não deixem que ninguém os engane. *Aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado é do Diabo, porque o Diabo vem pecando desde o princípio. Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado, porque é nascido de Deus. Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco quem não ama seu irmão.*”

(I João 3:7-10)

A partir desse grande conflito entre o bem e o mal, seus respectivos representantes no texto bíblico, Jesus e Satanás, são associados aos contextos de “luz” e “escuridão/trevas”. O evangelho de João mostra explicitamente a associação da pessoa de Cristo com a luz, associação esta que une a luz ao divino até os dias de hoje como na metáfora linguística “ele é um ser humano iluminado” (PUENTE, 2013, p. 57):

"Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus. Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus". (João 3: 16-21)

“Falando novamente ao povo, Jesus disse: *"Eu sou a luz do mundo. Quem me segue nunca andarรก em trevas, mas terá a luz da vida"*. (João 8:12)

“Enquanto estou no mundo, *sou a luz do mundo*". (João 9:05)

O mesmo apóstolo João associa as boas obras e a verdade à luz. O próprio Jesus, também associa, como foi visto, as trevas às más obras, àquilo que não é verdadeiro. João, ainda dentro desse contexto de luz e trevas, escreveu:

“Disse-lhes Jesus: ‘Se Deus fosse o Pai de vocês, vocês me amariam, pois eu vim de Deus e agora estou aqui. Eu não vim por mim mesmo, mas ele me enviou. Por que a minha linguagem não é clara para vocês? Porque são incapazes de ouvir o que eu digo. Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegoou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua



própria língua, pois *é mentiroso e pai da mentira*. No entanto, vocês não creem em mim, porque digo a verdade!” (João 8:42-45)

No livro de Efésios, capítulo cinco, há uma rica descrição do que o apóstolo Paulo considera como *obras das trevas* e *obras da luz*. Ele aconselha aos seguidores de Deus, os quais pertenciam às trevas (cometiam pecados) e agora se encontram na luz (não praticam os mesmos hábitos, mas boas obras), a se distanciarem de ações e práticas que não permitirão aos “filhos da luz” alcançar o “Reino de Cristo e de Deus”:

“Entre vocês não deve haver nem sequer menção de *imoralidade sexual* como também de nenhuma espécie de *impureza* e de *cobiça*; pois essas coisas não são próprias para os santos. Não haja *obscenidade*, nem *conversas tolas*, nem *gracejos imorais*, que são inconvenientes, mas, ao invés disso, *ações de graças*. Porque vocês podem estar certos disto: nenhum imoral, ou impuro, ou ganancioso, que é idólatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus. Ninguém os engane com palavras tolas, pois é por causa dessas coisas que a ira de Deus vem sobre os que vivem na desobediência. Portanto, não participem com eles dessas coisas. Porque outrora *vocês eram trevas*, mas agora são luz no Senhor. Vivam como *filhos da luz*, pois o *fruto da luz* consiste em toda *bondade, justiça e verdade*; e aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor. Não participem das *obras infrutíferas das trevas*; antes, exponham-nas à luz. Porque aquilo que eles fazem em oculto, até mencionar é vergonhoso. Mas, *tudo o que é exposto pela luz torna-se visível, pois a luz torna visíveis todas as coisas.*” (Efésios 5: 3-13)

É interessante observar que o apóstolo Paulo afirma que ainda que as obras das trevas, as más obras, sejam feitas em oculto, a luz as torna conhecidas de todos. Assim, através da manifestação da luz, aquilo que não se vê é revelado. Outros versículos da Bíblia se constroem a partir desse mesmo ponto de vista, em que a luz revela o que está escondido, enquanto as trevas favorecem o que está oculto. A partir desse raciocínio, identificamos a metáfora REVELAÇÃO É LUZ:

“O que vocês *disseram nas trevas será ouvido à luz do dia*, e o que vocês sussurraram aos ouvidos dentro de casa, será proclamado dos telhados.” (Lucas 12:03)

“Portanto, não julguem nada antes da hora devida; esperem até que o Senhor venha. *Ele trará à luz o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções dos corações*. Nessa ocasião, cada um receberá de Deus a sua aprovação.” (I Coríntios 4:5)

A partir dos textos discutidos acima, encontramos:

*Jesus/Deus* → Boas Obras → Verdade → Pureza → Justiça → Salvação → Luz

*Diabo* → Más Obras (pecado) → Mentira → Impureza → Injustiça → Condenação → Trevas

Sobre o uso dicotômico das palavras luz/dia e escuridão/trevas/noite, em seu trabalho *Metáforas Negras na Bíblia*, Puente (2013, p. 52 e 55) afirma o seguinte:

Através da leitura da Bíblia, é possível perceber que, desde as primeiras narrativas da criação do mundo, seu texto apresenta uma oposição entre luz e escuridão, a partir da qual a luz é relacionada a aspectos positivos, e as trevas, ao oposto disso. Diversos versículos articulam a relação entre luz e trevas, sempre enfatizando a dicotomia avaliativa entre esses elementos, afinal, segundo o próprio texto bíblico, “viu Deus que era boa a luz; e fez separação entre a luz e as trevas” (Gênesis 1:4). Ou seja, a separação entre luz e escuridão se insere no antagonismo, muito caro ao pensamento bíblico entre bem (bom) e mal (ruim). Assim, a construção conceptual da escuridão/trevas se dá, em grande parte, em sua oposição a tudo aquilo que a luz representa. Essa construção, de natureza dicotômica, ocorre como uma constante ao longo de todo texto bíblico, a partir de opostos que não se complementam, mas, ao contrário, se excluem. (...) sob a perspectiva espiritual, encontramos a metáfora conceptual DEUS É LUZ, sendo a luz uma projeção das virtudes, sempre positivas, de Deus; e, conseqüentemente, tudo aquilo que não tem luz, que é escuro ou está na escuridão estaria relacionado a características negativas. Além disso, a própria descrição das trevas/escuridão apresentada no texto bíblico nos remete à afirmativa avaliativa “escuro é ruim”.

A partir dos versículos até aqui apresentados dentro da perspectiva da oposição entre luz/dia (aspectos positivos) e escuridão/trevas/noite (aspectos negativos), podemos apontar as metáforas conceptuais BEM É LUZ e MAL É ESCURIDÃO. Como se verá nos versículos dos diferentes livros do Novo Testamento que serão discutidos a seguir, essas metáforas conceptuais estão presentes em muitos contextos bíblicos, construindo e fundamentando os conceitos e valores apresentados pela Bíblia.

### **3.1 Estudos da luz e das trevas em textos bíblicos dos quatro evangelhos do Novo Testamento**

O livro de *Mateus*, primeiro Evangelho do Novo Testamento, constrói-se a partir de um autor preocupado em apresentar Jesus como o Messias, o Salvador do mundo, enviado pelo próprio Deus, em sua manifestação máxima de amor pelos seres humanos. Assim como acontece com os outros evangelhos, o autor desse livro narra os acontecimentos da vida de Jesus desde seu nascimento até a sua morte no Calvário.

No versículo a seguir, Mateus destaca a vinda de Jesus ao mundo. De acordo com o texto bíblico, desde as narrativas que compõem tanto o Velho como o Novo Testamento, com a entrada do pecado no mundo a partir da escolha feita por Adão e Eva narrada no livro de Gênesis, a Terra passou a ser um lugar de pecado, entregue à maldição: “E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida.” (Gênesis 3: 17)

Dessa forma, com o pecado cometido por Adão, a Bíblia apresenta a Terra e os seres humanos como entregues à maldição e, por consequência, à condenação, à morte eterna. A vinda de Jesus – morte e ressurreição -, a partir desse contexto, foi a solução encontrada para que a vida eterna fosse novamente proporcionada à toda humanidade. É neste contexto de morte e vida, condenação e salvação que Mateus, de forma metafórica, apresenta a Jesus como a “luz que raiou em um mundo de trevas”:

“Disse Jesus: ‘Eu sou a *luz* que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas **trevas**.’” (João 12:46)

“O povo que vivia nas trevas viu uma *grande luz*; sobre os que viviam na *terra da sombra da morte raiou uma luz*”. (Mateus 4:16)

Por extensão, como JESUS É LUZ, aqueles que são seus seguidores também são luz, os quais, através de suas boas obras, não devem se ocultar e sim “iluminar” a todos que estão a sua volta:

"Vocês são a *luz* do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim *ilumina* a todos os que estão na casa. Assim *brilhe a luz* de vocês diante dos homens, para que vejam as suas *boas obras* e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.” (Mateus 5:14-16)

Em outros versículos do livro de Mateus, assim como acontece também no Evangelho de Lucas, os autores novamente relacionam a luz ao que é bom e as trevas ao que é mau. Encontramos também no texto a seguir uma interessante construção metonímica, em que “os olhos” – as “janelas da alma” em uma construção metafórica – representam o indivíduo em sua totalidade:

"Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus *olhos forem bons*, todo o seu *corpo será cheio de luz*. Mas, se os seus *olhos forem maus*, todo o seu corpo será *cheio de trevas*. Portanto, se a *luz* que está dentro de você são *trevas*, que tremendas trevas são!" (Mateus 6: 22-23)

“Os olhos são a candeia do corpo. Quando os seus *olhos forem bons*, igualmente todo o seu *corpo estará cheio de luz*. Mas, quando *forem maus*, igualmente o seu *corpo estará cheio de trevas*. Portanto, cuidado para que a *luz* que está em seu interior não sejam *trevas*. Logo, se todo o seu corpo *estiver cheio de luz*, e *nenhuma parte dele estiver em trevas*, estará *completamente iluminado*, como quando a *luz de uma candeia brilha* sobre você”. (Lucas 11: 34-36)

No capítulo dezessete de Mateus, nos versículos um e dois, novamente a metáfora conceptual JESUS É LUZ pode ser identificada:

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante

deles. Sua face *brilhou como o sol*, e suas roupas se tornaram *brancas como a luz*.  
(Mateus 17: 1-2)

Os capítulos vinte e dois e vinte e cinco de Mateus apresentam parábolas que ilustram a volta de Jesus a este mundo, momento em que, segundo a Bíblia, Jesus finalmente separará os “salvos” dos “perdidos”. Em diferentes histórias, Jesus apresenta um lugar de condenação onde os perdidos passam por intenso sofrimento, um lugar de trevas:

"Então o rei disse aos que serviam: 'Amarrem-lhe as mãos e os pés, e lancem-no para fora, nas *trevas*; *ali haverá choro e ranger de dentes*.'" (Mateus 22:13)

"E lancem fora o servo inútil, nas *trevas*, *onde haverá choro e ranger de dentes*.'" (Mateus 25: 30)

O momento da crucificação de Jesus, narrado a partir de muitas descrições que evidenciam angústia e sofrimento, também é associado às trevas, apesar de haver “o sol que brilha ao meio-dia”:

"E houve *trevas sobre toda a terra*, do meio-dia às três horas da tarde.  
(Mateus 27: 45)

"E houve *trevas sobre toda a terra*, do meio-dia às três horas da tarde."  
(Marcos 15:33)

"Já era quase meio-dia, e *trevas cobriram toda a terra* até as três horas da tarde; *o sol deixara de brilhar*. E o véu do santuário rasgou-se ao meio."  
(Lucas 23:44-45)

No livro de *Marcos*, considerado o mais antigo de todos os Evangelhos, o autor descreve em suas narrativas as diversas atividades de Jesus em meio ao povo a quem pregava, apresentando e “anunciando o Reino de Deus”. Marcos também destaca a autoridade de Jesus e a credibilidade de seus ensinamentos. Assim, desde o batismo de Jesus no rio Jordão por João Batista até a ressurreição de Cristo, o Evangelho de Marcos apresentará também personagens e ações que se constituem dentro de um conflito de forças, divididas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas.

No capítulo treze de Marcos, encontramos um “sermão profético”, em que, assim como acontece em Mateus, Jesus apresenta eventos importantes que ainda haveriam de acontecer. Dentre esses eventos, a “vinda do Filho do Homem” (Jesus) recebe um papel especial na narrativa: todos deveriam estar atentos aos sinais que precederiam a volta de Jesus para buscar os salvos. Nesse momento de “grande tribulação” – momentos que, segundo alguns estudiosos da Bíblia, será de grande sofrimento, angústia e perseguições -, um cenário de trevas é evidente:

“Por isso, fiquem atentos: avisei-os de tudo antecipadamente. Mas, naqueles dias, após aquela tribulação, *o sol escurecerá e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes celestes serão abalados*. Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.” (Marcos 13:23-27)

O Evangelho de *Lucas* apresenta um diferencial em relação aos dois Evangelhos anteriores, o qual salienta o amor de Cristo pelos pobres e oprimidos, pelas pessoas socialmente marginalizadas: enfermos de todos os tipos, leprosos, prostitutas, viúvas, crianças, cobradores de impostos (odiados pelo povo judeu) e samaritanos (povo que sofria enorme preconceito por parte dos judeus). São narrados diversos momentos de cura e milagres entre as multidões que o seguiam:

“Ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias lhes traziam; e ele os curava, impondo as mãos sobre cada um. Também de muitos saíam demônios, gritando e dizendo: Tu és o Filho de Deus! Ele, porém, os repreendia para que não falassem, pois sabiam ser ele o Cristo.” (Lucas 4: 40-41)

Esse livro distingue-se também por apresentar cânticos e orações de louvor, como o que veremos a seguir:

“Movido pelo Espírito, ele foi ao templo. Quando os pais trouxeram o menino Jesus para lhe fazerem o que requeria o costume da Lei, Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: ‘Ó Soberano, como prometeste, agora podes despedir em paz o teu servo. *Pois os meus olhos já viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo*’. O pai e a mãe do menino estavam admirados com o que fora dito a respeito dele. E Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe de Jesus: ‘Este menino está destinado a causar a queda e o erguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, de modo que *o pensamento de muitos corações será revelado*. Quanto a você, uma espada atravessará a sua alma’.” (Lucas 2: 27-35)

Simeão é um personagem dessa narrativa que conhecia a profecia, já anunciada no Velho Testamento (Isaías 61:1-2), de que, entre o povo de Israel, nasceria o “Salvador do mundo”, aquele que tiraria a opressão sofrida pelos povos. Esse israelita, “homem justo e piedoso que esperava a consolação de Israel”, ansioso por ver a profecia se cumprir, enche-se de alegria ao ver o menino Jesus, no Templo, junto aos seus pais, José e Maria. Nesse contexto em que “Jesus é luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel”, mais uma vez, observamos a metáfora conceptual JESUS É LUZ.

Quando Simeão diz que “os seus olhos virão a salvação”, a palavra salvação nos remete ao próprio Cristo e “ver” se apresenta tanto em um sentido “literal” – uma vez

que Simeão estava vendo, de fato, o menino ali no Templo -, quanto em um sentido metafórico, pois naquele momento a Simeão é “revelada” a pessoa de Cristo, de forma que o personagem conhece, compreende a salvação preparada por Deus. Nessa perspectiva, identificamos nessa construção a metáfora conceptual CONHECER É VER.

Além disso, considerando o contexto como um todo, identificamos mais uma vez a metáfora REVELAÇÃO É LUZ, a partir da declaração de que, através da luz, “o pensamento de muitos corações será revelado”.

O Evangelho de *João* apresenta Jesus como o “Verbo de Deus” que existiu desde a eternidade com Deus e que veio até a humanidade, revelando, assim, o seu amor pelos homens. O apóstolo João destaca o objetivo daquilo que escreveu:

“Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”  
(João 20:30-31)

Neste quarto evangelho, como apontado anteriormente, os primeiros versículos apresentam “a encarnação do Verbo”, referindo-se à “verdadeira luz”, ao “unigênito do Pai”:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram. Surgiu um homem enviado por Deus, chamado João. Ele veio como testemunha, para testificar acerca da luz, a fim de que por meio dele todos os homens cressem. Ele próprio não era a luz, mas veio como testemunha da luz. Estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, como do unigênito do Pai. (João 1:1-9 e 14)

Nos versículos acima, mais uma vez, JESUS É LUZ. É interessante observar que João menciona outro importante personagem bíblico, João Batista, filho de Zacarias e Isabel, a “testemunha de Cristo”, aquele que “anunciava a vinda de Jesus e a sua divindade” (João 1: 19-34). O apóstolo João preocupa-se em dizer que João Batista “não era a luz”, mas que havia vindo como “testemunha da luz”, como testemunha daquele que viria depois, de quem João Batista afirma não ser, nem mesmo, “digno de desatar-lhe as correias das sandálias” (João 1:27). O próprio João Batista se identifica como “a voz do que clama no deserto”, buscando “endireitar o caminho do Senhor” (João 1:23), afirmando abertamente àqueles que o questionavam: “eu não sou Cristo” (João 1:19-20). Dessa forma, João Batista não poderia ser identificado pelo apóstolo

como *luz*, pois a *verdadeira luz*, segundo os diferentes textos bíblicos, era o próprio *Cristo, Jesus*.

Vejamos os versículos a seguir:

“Jesus respondeu: ‘O dia não tem doze horas? Quem *anda de dia não tropeça*, pois vê a *luz* deste mundo. Quando *anda de noite, tropeça*, pois nele *não há luz*’.  
(João 11: 9-10)

“Disse-lhes então Jesus: ‘Por mais um pouco de tempo a *luz* estará entre vocês. Andem enquanto vocês têm a *luz*, para que as *trevas* não os surpreendam, pois aquele que *anda nas trevas não sabe para onde está indo*’.  
(João 12:35)

Nos quatro Evangelhos, assim como em vários outros versículos de diferentes livros do Novo Testamento é apontada a ideia de que aqueles que se tornam seguidores de Cristo, tornam-se uma “nova criatura”, “filhos da luz”, pois já foram justificados e purificados de seus antigos comportamentos e hábitos, visto que “as coisas antigas já passaram, eis que se fizeram novas” (II Coríntios 5:17).

Esse novo homem, que agora “anda na luz” e não tropeça nas trevas – trevas aqui, segundo o contexto bíblico como um todo, fazendo referência a uma vida sem Deus, entregue ao pecado -, é um ser humano mais sábio, dotado de mais entendimento, o qual consegue discernir entre o “certo” e o “errado”, entre o “bem” e o “mal”. Tanto no Livro de Salmos (111:10) quanto no Livro de Provérbios (9:10), ambos do Velho Testamento, encontramos a afirmação de que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria”. Na versão da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, o texto de Provérbios torna-se ainda mais claro: “Para ser sábio, é preciso primeiro temer a Deus, o Senhor. Se você conhece o Deus Santo, então você tem compreensão das coisas”. Nessa mesma perspectiva de que é Deus quem nos dá o conhecimento, a luz, para que não “tropecemos” nas trevas, o Profeta Isaías (11:2) afirma que “o Espírito do Senhor é Espírito de sabedoria e de entendimento”, “Espírito de conselho e conhecimento”.

A partir da análise dos textos apresentados logo acima e retomando também o texto de Efésios 5: 3-13, discutido anteriormente no presente estudo, encontramos:

- 1) “Nova Criatura”, o “Novo Homem” (transformado, praticante de boas obras) → Luz → Dotado de sabedoria, discernimento, conhecimento → Em seu caminho conhece, discerne, vê o que está a sua frente → Não tropeça, não se encontra em dificuldades.
- 2) “Velho Homem” (não transformado, praticante de obras más) → Trevas → Não possui sabedoria, conhecimento → Em seu caminho não conhece, não vê o que

está a sua frente, não sabe para onde está indo (perdido) → Tropeça, encontra-se em dificuldades.

Diante do que foi acima discutido, podemos identificar a presença de três metáforas conceituais fortemente relacionadas entre si nos textos bíblicos analisados: CONHECER É VER, CONHECIMENTO É LUZ e DESCONHECIMENTO É CEGUEIRA/ESCURIDÃO.

#### **4. Considerações finais**

As análises aqui realizadas se harmonizam com aquelas feitas por Puente (2013). De fato, em todas as construções metafóricas dos quatro Evangelhos apresentados se associa, nos diferentes contextos, a “luz” a aspectos positivos e as “trevas” a aspectos negativos. Dessa forma, os textos bíblicos estudados apontam para as duas metáforas conceituais superordenadas BEM É LUZ e MAL É ESCURIDÃO, a partir das quais outras metáforas conceituais se constroem e se relacionam entre si.

A metáfora conceptual JESUS É LUZ é muito presente nos diferentes contextos dos Evangelhos, uma vez que esses quatro primeiros livros do Novo Testamento têm como objetivo principal apresentar o “Messias” - o “Salvador do mundo” -, sua vida, seus ensinamentos e seus seguidores que, por extensão, são também chamados de “filhos da luz”.

Os domínios “luz” e “trevas”, assim como as respectivas metáforas conceituais a eles relacionadas, são extremamente importantes para a construção dos textos bíblicos dos Evangelhos. A luz e as trevas são a base que orienta todas as narrativas analisadas, de forma que esses domínios irão constituir e organizar todos os outros conceitos e domínios apresentados, dividindo pessoas, comportamentos, ações, valores e ideias a partir de dois grandes pólos de um “grande conflito”: o “bem” e o “mal”.

#### **Referências Bibliográficas**

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. E corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Português. *Bíblia de estudo: nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.



BIBLIOTECA ENTRELIVROS. *Santa Filosofia*, n. 7, 2007.

DIJK, Teun van. Ideologies, racism, discourse: debates on immigration and ethnic issues. In: WAL, Jessika ter; VERKUYTEN, Maykel (orgs.). *Comparative perspectives on racism*. Aldershot: Ashgate, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 6. Ed. Curitiba: Positivo, 1999.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (org.). *Metaphor and thought*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ / Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MAHON, James. Getting your sources right: what Aristotle didn't say. In: CAMERON, Lynne; LOW, Graham (Eds.). *Research and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ORTONY, Andrew. *Metaphor and thought*. Cambridge/Nova York: Cambridge University Press, 1993.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Metáforas Negras. In: FREIRE, Maximina Maria; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (Orgs.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PUENTE, Raquel Luz. *As Metáforas Negras na Bíblia*. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

VEREZA, Solange. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras*, Niterói, n. 41, 2010.